



DOI: 10.20396/rfe.v15i00.8673924

A Fenomenologia na pesquisa da prática pedagógica da Educação Infantil

Phenomenology in the research of the pedagogical practice of Early Childhood Education

Camila Faedo¹ Roseli de Fátima Rech Pilonetto² 

RESUMO

Neste trabalho refletimos sobre as contribuições da Fenomenologia para as pesquisas das práticas pedagógicas na Educação Infantil ao considerá-la um paradigma epistemológico que pensa a educação como um processo exclusivamente humano e o considera em sua totalidade. Por meio de pesquisa bibliográfica, evidenciamos os elementos essenciais da fenomenologia e como estes possibilitam o olhar investigativo no campo da educação infantil. Husserl (2006), Merleau-Ponty (2011), Bicudo (1999, 2020), sustentam a discussão epistemológica e Guimarães (2011) auxilia na compreensão da ação pedagógica na educação infantil.

Palavras-chave: Fenomenologia. Práticas pedagógicas. Educação Infantil.

ABSTRACT

In this work, we reflect about the contributions of Phenomenology to research into pedagogical practices in Early Childhood Education, considering it as the epistemological paradigm that thinks the education as na exclusively human process that must be considered in its entirety. Through bibliographical research, we highlighted the essential elements of phenomenology and how they enable an investigative perspective in the field of early childhood education. Husserl (2006), Merleau-Ponty (2011), Bicudo (1999, 2020) support the epistemological discussion and Guimarães (2011) helps to understand the pedagogical action in the Early Childhood Education.

Keywords: Phenomenology. Pedagogical Practices. Child Education

¹ Mestranda em Educação pela Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Membro do GPECI - Grupo de Pesquisa Educação, Crianças e Infância (UNIOESTE). E-mail: camilafaedo11@hotmail.com

² Doutora e Mestre em Educação pela Universidade Federal de Pelotas (UFPEL). Professora do curso de Pedagogia da Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE). Membro do Grupo de Pesquisa Educação, Crianças e Infâncias - GPECI.

Introdução

A Educação Infantil, como primeira etapa da educação básica, tem por objetivo principal o pleno desenvolvimento das crianças de zero aos seis anos (BRASIL, 1996). Por se tratar de um ensino voltado às crianças que necessitam do auxílio dos adultos nas suas necessidades e desenvolvimento corporal, essa etapa da educação traz o cuidado e a educação como inseparáveis nesse processo. Nesse viés, Guimarães (2011) afirma que as ações de cuidar e educar são indissociáveis e se complementam no cotidiano da Educação Infantil. Ademais, essa etapa do ensino demonstra-se importante para o desenvolvimento dos indivíduos, uma vez que são nos primeiros anos de vida que eles se constituem por meio de avanços que ocorrem a nível motor, cognitivo, emocional e social.

Dessa forma, a Educação Infantil deve proporcionar o desenvolvimento integral da criança que “[...] significa acolhê-la, respeitar suas individualidades, captar suas demonstrações emocionais, contribuir para sua autonomia, oferecer e auferir afeto, com o fim de colaborar para constituir o eu da criança.” (DANTAS, 2018, p. 30). Entendemos que essa etapa da educação precisa compreender a criança como protagonista do ensino e produtora de cultura, considerando-a nas suas individualidades. Além disso, “[...] simplesmente atender a criança, cumprindo apenas a rotina e as obrigações de cuidado, não é suficiente para uma ‘Pedagogia da Infância’ que deseja respeitá-las como cidadãs no presente, e não no futuro.” (MARTINS FILHO, MARTINS FILHO, 2022, p. 268).

Ao se propor a investigação de práticas pedagógicas na educação infantil, estas necessitam ser observadas em suas particularidades presentes nesse processo. Sendo assim, o paradigma de pesquisa utilizado deve possibilitar ao pesquisador conhecer seu objeto de estudo para além do que ele aparenta ser. Ao observar como o cuidado e a educação, elementos base da educação infantil, são incorporados na prática pedagógica, a pesquisa proporciona o avanço e a profundidade desses elementos, considerando o ambiente educacional como um todo.

Diante da concepção de educação infantil apresentada acima, a Fenomenologia, como paradigma de investigação, possibilita pensar as práticas pedagógicas dessa etapa de ensino em sua totalidade.

Nesse viés, a questão que perpassa este texto centra-se em quais as contribuições da Fenomenologia em uma pesquisa das práticas pedagógicas na Educação Infantil? Nosso objetivo é refletir sobre as contribuições da Fenomenologia nas pesquisas das práticas pedagógicas na Educação Infantil, considerando os aspectos de cuidado e educação. Para tal, apresentamos a Fenomenologia como paradigma e sua característica nas pesquisas educacionais; evidenciamos suas contribuições para a análise das práticas pedagógicas da educação infantil.

A pesquisa bibliográfica sustentará as discussões em torno da Fenomenologia e a sua aplicabilidade nas pesquisas educacionais, com autores como Husserl (2006), Merleau-Ponty (2011) e Bicudo (1999; 2020). Guimarães (2011) nos auxilia na compreensão da ação pedagógica na educação infantil, com o intuito de relacionar a fenomenologia, a pesquisa e a educação infantil, enquanto aspecto do desenvolvimento humano.

A Fenomenologia como paradigma de pesquisa

A Fenomenologia, assim como afirmam Freitas e Sousa (2023) é uma perspectiva filosófica que se debruça sobre os fenômenos, objetivando apreender a essência, bem como suas significações na consciência. Esse paradigma busca uma essência que se diferencia das ciências exatas, as quais caracterizam-se pela sua precisão, detêm-se em abordagens qualitativas e, conseqüentemente, inexatas, as quais são descritivas. “A fenomenologia tem esse nome porque pretende ser uma filosofia do fenômeno” (REZENDE, 1990, p. 34). Isso significa que, diferentemente de outras filosofias, ela não separa o sujeito e o objeto, mas pretende reuni-los de forma inseparável na experiência intencional (REZENDE, 1990). Dessa forma, o pesquisador não é alguém que observa o objeto de fora, mas que se liga a ele, fazendo parte dessa experiência. Quando se faz referência a busca da essência do mundo não seria entender a ideia de mundo, mas o que de fato ele é para nós. A

redução eidética “é a resolução de fazer o mundo aparecer tal como ele é antes que qualquer retorno sobre nós mesmos” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 13).

Segundo Carvalho (2017), a Fenomenologia surge como uma crítica as ciências naturais, que acreditam em uma verdade absoluta e que pode ser mensurada e testada cientificamente. “A tendência que ela assumia, então, era tirar tais questões do âmbito da filosofia e analisá-las em termos puramente psicológicos ou empíricos” (Idem, p. 41). Nesse sentido, a Fenomenologia busca uma nova forma de fazer ciência, que não se preocupa mais com a comprovação de verdades por meios científicos, mas com a relação que se dá do objeto com a consciência.

A Fenomenologia estuda o objeto na sua essência e não somente no vivido, pois ao “buscar a essência do mundo não é buscar aquilo que ele é em ideia, uma vez que o tenhamos reduzido ao tema do discurso, é buscar aquilo que de fato ele é para nós antes de qualquer tematização” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 13). Sendo assim, para se chegar a uma essência pura, não se deve considerar teorias e tematizações que se tenha sobre o objeto, mas buscar sua compreensão pelas particularidades percebidas no momento observado. “[...] para ver o mundo e apreende-lo como paradoxo, é preciso romper nossa familiaridade com ele” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 10). Através do distanciamento do fenômeno, o pesquisador apreende as particularidades deste, sem a influência de ideais anteriores que podem prejudicar uma visão clarificada do fenômeno.

É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso para compreendê-las, as afirmações de atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre ‘ali’, antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo para dar-lhe enfim um estatuto filosófico (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 1)

A Fenomenologia parte da consciência do sujeito para se construir o conhecimento, sendo contrária à abordagem materialista que parte do objeto,

“[...] não se busca a verdade nas coisas em si próprias, mas ela é buscada nas relações das coisas com as consciências” (FREITAS; SOUSA, 2023, p. 5). Dessa forma, ela propõe que o pesquisador observe o objeto na sua autenticidade, considerando, como afirma Santos (2009), o cuidado em preservar a legitimidade da sua manifestação. “Este cuidado é identificado no método descritivo e interpretativo proposto pela abordagem” (p. 5). Por meio da descrição e somado à interpretação, o pesquisador busca compreender as especificidades do objeto. Nesse mesmo sentido, Rezende (1990) afirma que:

[...] a intuição das essências, visada pela fenomenologia, não diz respeito a um mero conteúdo conceitual que possa ser definido, mas à significação de uma essência existencial, que como tal deve ser descrita. Assim, desde o início, a fenomenologia nos põe diante de uma realidade complexa, a estrutura do próprio fenômeno, cuja experiência não se reduz a nenhuma das formas da intencionalidade mas as integra todas (p.17).

Ao considerar o objeto com todas as suas particularidades, a Fenomenologia não busca a essência como uma universalidade, mas como a complexidade que a compõe. Nesse sentido, vai ao encontro com ideias de verdades universais, entendendo que há uma multiplicidade de verdades e todas devem ser consideradas. “O mundo não é aquilo que eu penso, mas aquilo que eu vivo; eu estou aberto ao mundo, comunico-me indubitavelmente com ele, mas não o possuo, ele é inesgotável” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 14). Diante da complexidade presente, a Fenomenologia não considera a possibilidade de uma verdade única, mas a multiplicidade de particularidades, as quais devem ser consideradas na análise do fenômeno.

Dessa forma, a Fenomenologia considera todos os aspectos do objeto a ser analisado, não privilegiando nenhum em detrimento de outro, objetivando chegar a sua essência.

A fenomenologia não é materialista, ao menos no mesmo sentido que o marxismo. Onde este último parece adotar uma dialética unilinear, unidimensional (Marcuse), a fenomenologia prefere uma dialética

plurilinear ou polissêmica e continua afirmando a ambiguidade do fenômeno que nunca se reduz a um só de seus aspectos, nem a um só tipo de relações semânticas no interior da estrutura (REZENDE, 1990, p. 20).

A Fenomenologia entende que as pesquisas não devem focalizar no âmbito histórico, já que parte do mundo-vivo em um determinado tempo, analisando o objeto no seu aqui e agora. Para Triviños (1987), no que diz respeito à análise fenomenológica, ela não está interessada em colocar em relevo a historicidade dos fenômenos:

A busca da essência, isto é, o que o fenômeno verdadeiramente é, depois de sofrer um isolamento total, uma redução, eliminando o eu que vivencia e o mundo com seus valores, cultura, etc., carece de toda referência que não seja a de sua pureza como fenômeno, de modo que o componente histórico, que tão pouco interessava ao positivismo, não é tarefa que preocupe o pesquisador que se movimenta orientado pelos princípios da fenomenologia (TRIVIÑOS, 1987, p. 47).

Ao afirmar que a Fenomenologia não é histórica, não significa dizer que ela não a considere, mas que este é um dos elementos do fenômeno, de forma que ela busca a autenticidade deste na relação com o pesquisador. Além disso, esse paradigma não acredita em uma verdade única, mas na multiplicidade que se dá pela singularidade que ocorre na relação que cada pesquisador estabelece com o objeto estudado.

Uma pesquisa fenomenológica possui características próprias e segue alguns passos. Primeiramente, é necessário ressaltar que a *descrição* é um aspecto importante, por meio da qual se pretende chegar à essência do objeto estudado, pois “Trata-se de descrever, não de explicar nem analisar” (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 3). Essa ação, segundo Rezende (1990) exige algumas características, sendo elas: *significante*, *pertinente*, *relevante*, *referente*, *provocante* e *suficiente*. A *descrição* *significante* considera todos os aspectos que são indispensáveis para o conhecimento do fenômeno. Com

relação à pertinência, o pesquisador não deve privilegiar determinados aspectos em relação a outros, e nem mesmo fazer um levantamento de todos eles sem um discernimento acerca do que será pesquisado. “Sem cair no reducionismo ou no fenomenismo, a descrição pertinente procura levar em conta a complexidade da estrutura fenomenal” (REZENDE, 1990, p. 21). No que diz respeito à descrição relevante, esta dá precisão à pertinência. De acordo com Rezende (1990), as diversas características do discurso devem atuar juntas, “[...] a relevância diz respeito à situação concreta de semelhante estrutura, ou melhor, à sua história” (p. 22). Outra característica da descrição é ser referente, entendida tanto no interior do fenômeno quanto nos diferentes aspectos do seu contexto. No que diz respeito a sua característica provocante, “Uma descrição propriamente fenomenológica não se contentará em dizer de que maneira estão sendo dadas as respostas, mas de que outras maneiras elas poderiam ou deveriam ser dadas” (REZENDE, 1990, p. 25). Nesse sentido, o autor complementa que a descrição coloca em evidência o sentido com sentido para o sujeito, ou seja, que este se sinta provocado ao engajamento consciente. A descrição fenomenológica, segundo o autor, deve ser suficiente, o que não quer dizer que ela seja acabada, uma vez que, ao considerar as múltiplas determinações do objeto, entende-se este como inesgotável.

No entanto, embora a descrição desempenhe um papel importante para a pesquisa, a Fenomenologia não é descritiva, uma vez que ela parte das descrições para conhecer o fenômeno. Além disso, o pesquisador precisa despir-se das teorizações que já tenha sobre o objeto, para o conhecer na sua originalidade.

A compreensão de semelhante originalidade estrutural do fenômeno supõe que façamos um esforço para nos desvencilharmos de todas as posições secundárias, isto é, posteriores a uma experiência fundamental, característica da atitude filosófica propriamente dita. Tudo quanto sabemos sobre o homem e sobre o mundo, graças à contribuição das ciências, deve ser posto entre parênteses, para que possamos redescobrir a experiência primitiva em toda a sua riqueza (REZENDE, 1990, p. 36).

Nesse sentido, quando se pensa em estudar as práticas pedagógicas na Educação Infantil, o pesquisador suspende as concepções que possui sobre criança, escola e prática pedagógica, e olha atentamente como esses elementos se mostram à ele na realidade estudada. “Ela tem de pôr diante dos olhos, exemplarmente, puros eventos da consciência, tem de trazê-los a clareza mais completa, para, dentro dessa clareza, analisá-los e apreender intuitivamente a sua essência” (HUSSERL, 2006, p. 146). A partir da clareza, o pesquisador pode chegar à essência por meio da intuição, de forma que, em uma investigação que pretenda analisar as práticas pedagógicas da Educação Infantil, o pesquisador observará as subjetividades presentes no cotidiano escolar em toda a sua complexidade. Como afirmam Silva, Medina e Pinto (2012), o pesquisador procura, através da análise das descrições, o conteúdo característico do fenômeno, assim como as suas diferenças e significações.

A análise deve complementar a descrição, de maneira a articular as ideias compreendidas ou até mesmo as divergências que ocorram entre elas. A partir da análise da descrição ocorre a *redução fenomenológica*, abstraindo o que não é essencial do objeto e permitindo chegar a sua essência. “Para a fenomenologia, sempre compreendemos de modo original, isto é, na imediaticidade do ato perceptivo, o que nos é dado no ato de perceber” (BICUDO, 2020, p. 36). Sendo assim, a compreensão é considerada como original, por analisar o objeto tal como ele se apresenta no momento estudado. Segundo Merleau-Ponty (2011), a redução eidética é a resolução de fazer o mundo aparecer tal como ele é, antes de qualquer retorno sobre nós mesmos.

As pesquisas fenomenológicas possuem uma abordagem qualitativa, uma vez que não buscam verdades absolutas ou dados exatos, mas sim as diferentes determinações do objeto estudado. Com relação a uma pesquisa das práticas pedagógicas na Educação Infantil, ao ser realizada por meio de observações da prática escolar e entrevistas com os professores das turmas estudadas, por exemplo, “É um modo de ir à coisa, ela mesma, porém entendendo que ao nos referirmos a ela, já nos afastamos dela” (BICUDO, 2020, p.52). Ao pesquisar sobre as práticas pedagógicas na educação infantil deve-se ter um distanciamento, de forma que não haja ideias preconcebidas

sobre essas ações, o ambiente educacional, os educadores, assim como as diferentes determinações dessas práticas.

Diante disso, a pesquisa fenomenológica busca chegar à essência do objeto por meio da redução, a qual pretende eliminar tudo o que não seja essencial para a sua compreensão, de forma que os aspectos de valores, cultura, históricos, dentre outros, são deixados em suspenso. De acordo com Bicudo (1999), por meio da redução, os atos da consciência se expõem, ou seja, tomamos consciência deles, de modo que “[...] pela reflexão, seu componente, são explicitadas as raízes cognitivas das próprias afirmações” (p. 22).

Uma pesquisa sobre escola, práticas pedagógicas e crianças, ao assumir uma investigação fenomenológica, necessita desconsiderar todas as teorizações e ideias que já se tenha o campo, para que se faça uma observação livre de pré-julgamentos, processo esse denominado *Epoché*. Essa ação permite que o pesquisador observe o objeto de forma que “A reflexão não se retira do mundo em direção à unidade da consciência enquanto fundamento do mundo; ela toma distância para ver brotar as transcendências” (MERLEAU-PONTY, 2011, p.10).

Após a *Epoché*, a observação criteriosa, percebendo todos os aspectos das práticas docentes com as crianças da Educação Infantil, auxiliada pelo diário de campo e entrevistas com os docentes, por exemplo, tornar-se-á possível fazer uma análise daquilo que foi descrito, com o intuito de notar o que é essencial para os objetivos propostos. Nessa concepção, Bicudo (1999) afirma que o que é percebido sempre se dá de múltiplas maneiras, porém há sempre uma unidade que permeia essa multiplicidade que se apresenta, a qual é denominada de síntese de identificação. Por meio dessa análise, ocorrerá a redução, em que se chegará à essência das práticas pedagógicas estudadas e, por fim, a reflexão permitirá examinar sobre o que se tem como prática pedagógica na educação infantil.

No que diz respeito à análise das descrições, esta deve se dar a partir da intencionalidade do pesquisador. “Tudo o que importa é a compreensão essencial do fenômeno, mediada pela intencionalidade do pesquisador”

(ALTMICKS, 2014, p. 390), uma vez que, assim como afirma Husserl (2006), a visão da essência é a intuição que apreende a essência não somente por uma presentificação, mas pela sua ipseidade de “carne e osso”. Nesse sentido, por meio da intuição consegue-se chegar à essência do objeto, percebendo-o como ele é no momento analisado. “Por ser uma filosofia da consciência, seu intento é à volta para o fenômeno, isto é, tem o princípio da intencionalidade” (SILVA, MEDINA & PINTO, 2012, p. 51). A intencionalidade se caracteriza pela ligação entre o objeto e o pesquisador, de forma que é necessário a união entre ambos para que ocorra a pesquisa. “[...] para a fenomenologia, o fenômeno aparece como uma estrutura, reunindo dialeticamente na intencionalidade o homem e o mundo, a existência e a significação” (REZENDE, 1990, p. 59), ou seja, há uma dialética entre eles em que um não existe sem o outro. Nesse viés, Rezende (1990) ainda complementa que o homem e o mundo são inseparáveis, de forma que o pesquisador não é alguém que observa o objeto de fora, mas a partir de uma ligação com este, de forma que a estrutura fenomenal é o ser-ao-mundo.

O mundo fenomenológico é não o ser puro mas o sentido que transparece na intersecção de minhas experiências, e na intersecção de minhas experiências com aquelas do outro, pela engrenagem de uma nas outras; ele é portanto inseparável da subjetividade e da intersubjetividade que formam uma unidade pela retomada de minhas experiências passadas em minhas experiências presentes, da experiência do outro na minha. (MERLEAU-PONTY, 2011, p. 18)

Com relação ao processo interpretativo que se dá a partir da descrição, ele envolve o fluxo de consciência do sujeito, de forma que, assim como afirma Bicudo (2011), diferentemente da experiência empírica, que é tomada na sua objetividade pragmática e observada em um lugar externo ao seu processo, o experienciado é percebido e refletido no fluxo dos atos de consciência. “O próprio mundo não possui existência por si mesmo, é consciência do mundo; logo, ter consciência é sempre ter consciência de alguma coisa” (FREITAS; SOUSA, 2023, p. 5). Importante ressaltar que

quando se fala em consciência, a Fenomenologia passou por uma reformulação, uma vez que os primeiros teóricos como Hegel (1770-1831) e até mesmo Husserl (1859-1938) falavam de uma consciência transcendental, a qual atualmente é entendida como engajada, demonstrando essa ligação entre sujeito e objeto (REZENDE, 1990).

Rezende (1990), ao tratar da Fenomenologia na pesquisa em educação, aponta três momentos que esta deve apresentar, os quais estão relacionados com a palavra “sentido”. O primeiro identificado pela constatação, por meio da qual é possível constatar a realidade pelo levantamento de dados, com uma descrição suficiente e significativa do objeto de pesquisa. O segundo momento é a significação, que considera a realidade constatada, objetivando compreendê-la. O terceiro é a projeção-prospectiva que consiste em evidenciar como as contradições e possibilidades observadas no momento anterior podem ser exploradas, em uma outra realidade ou situação histórica. Dessa forma, o primeiro momento permitirá o contato inicial do pesquisador com a educação infantil, considerando as suas múltiplas determinações. No segundo momento, por meio de anotações sobre a realidade observada, será possível significar como o cuidado e a educação acontecem na prática escolar da educação infantil. E, no terceiro momento, através das análises realizadas, observar as informações coletadas e, a partir delas, criar novos diálogos e possibilidades sobre as práticas pedagógicas, entendendo que a pesquisa não é limitada, mas sim a abertura para novos estudos.

Outra questão que aproxima a Fenomenologia das pesquisas em Educação Infantil, mais precisamente de trabalhos que pretendem analisar as práticas pedagógicas é o fato desta considerar a criança nas suas particularidades. “Pensar-agir fenomenologicamente é positivar o fenômeno infância e aceitar a criança como ela é” (MACHADO, 2013, p. 253). Nesse viés, as crianças são entendidas como seres ativos no processo de ensino-aprendizagem e a ação educativa vai além do repasse de conteúdos e passa a ser pensada como pertencente à cultura.

A Fenomenologia busca a compreensão do objeto estudado, porém diferentemente das outras ciências, ela entende que não há como alcançar uma

verdade universal. Rezende (1990), traz o conceito de ambiguidade, no qual não se considera uma verdade como universal e acabada, mas a ideia de uma constante busca. “A fenomenologia *busca* a compreensão, embora com a certeza de nunca a alcançar em sentido pleno” (REZENDE, 1990, p. 27). Sendo assim, entre as contribuições que a Fenomenologia oferece para as pesquisas das práticas pedagógicas na educação infantil, está a qual permite a análise dessas práticas, sem, contudo, chegar a uma conclusão universal.

A Fenomenologia nas pesquisas na educação infantil

Com relação a Fenomenologia como paradigma nas pesquisas educacionais, segundo Freitas e Sousa (2023), ela entende a educação de maneira relacional, não havendo imposição do conhecimento. Nesse sentido, os aprendizes são considerados nas suas singularidades e vistos como seres produtores de cultura. “[...] a educação aparece como processo-projeto de humanização do sujeito, que não seria simplesmente objeto-passivo mas sujeito-ativo da história e da cultura” (REZENDE, 1990, p. 69). Esse paradigma não entende os estudantes como seres passivos no processo de ensino-aprendizagem, mas como sujeitos que devem ser considerados nas práticas pedagógicas.

Agora estamos diante de uma revisão das representações tradicionais da criança; podemos então vê-la como um ser social, que integra um grupo social distinto, e nessa circunstância é que surge a concepção da criança “ator social”, “protagonista”. (MACHADO, 2013, p.72)

Especificamente na educação infantil, em uma análise fenomenológica entende-se a criança como um sujeito de cultura e possuidora de singularidades que devem ser consideradas nas práticas pedagógicas. Nesse viés, Machado (2013) complementa que uma pedagogia que aceite o polimorfismo da criança precisará trabalhar muito a flexibilidade do professor e multiplicidade de meios e modos de trabalhar.

O trabalho na educação infantil traz intrínseco o cuidado, o qual, segundo Guimarães (2011), amplia as possibilidades da educação, no sentido

de que um complementa a ação do outro. A especificidade dessa etapa da educação, por ser voltada às crianças pequenas que necessitam dos adultos nas suas ações de alimentação e higiene, por exemplo, tem o cuidado como necessário no cotidiano escolar. “O sentido de cuidado diz respeito a algo que é do cotidiano e, ao mesmo tempo, que busca dar conta do fenômeno da vida em sua totalidade” (GUIMARÃES, 2008, p.47), de maneira que vai além da singularidade de ações higienistas, mas volta-se ao todo da educação, objetivando o pleno desenvolvimento das crianças.

Ainda no que diz respeito a pedagogia que, na visão fenomenológica, considera a multiplicidade das crianças, “[...] o modelo da creche demanda formas de relacionamento com as crianças e com as famílias que desafiam a tradição escolar que caracterizam o trabalho nas instâncias educativas” (GUIMARÃES, 2011, p.42), uma vez que as demandas dessa etapa do ensino exigem uma relação entre professores, crianças e famílias diferente das outras instituições educativas. E, diante dessas particularidades, uma pesquisa fenomenológica observa todos esses nuances, com o objetivo de apreender o fenômeno das práticas pedagógicas ao englobar cuidado e educação.

Ao considerar a educação como objeto de pesquisa, Rezende (1990) afirma que se deve partir do fato deste ser uma manifestação exclusivamente humana, uma vez que todos os seres humanos se educam. Diante disso, a educação como fenômeno tem inúmeros aspectos e pontos de vista, de forma que o pesquisador considere todos de igual forma para evitar reducionismos.

E, na medida que, por qualquer motivo, os autores privilegiam algum aspecto em detrimento dos outros, eles incorrem num reducionismo que tanto impede a compreensão do fenômeno educacional como do fenômeno humano propriamente dito (REZENDE, 1990, p. 46).

Para que ocorra a compreensão do fenômeno educacional, segundo a Fenomenologia, faz-se necessário considerar todos os aspectos que envolvem esse processo. Além disso, é importante se despir das teorizações que se tenha sobre o objeto, para que a compreensão seja original e não seja prejudicada por concepções. “Para a fenomenologia, o problema educacional tem as

dimensões do mundo” (REZENDE, 1990, p. 59), pois não considera somente alguns aspectos como o político ou econômico, mas vê a educação como imersa em um mundo de cultura em que todas as suas determinações devem ser consideradas.

[...] pesquisas guiadas pelos princípios fenomenológicos não realizariam uma perquirição sobre a ideologia subjacente aos currículos ou uma leitura crítica sobre a opressão exercida pelas ideologias sobre as classes socioeconômicas desfavorecidas (FREITAS; SOUSA, 2023, p. 6).

No que se refere às pesquisas em educação, a Fenomenologia apresenta contribuições, pois assim como afirma Bicudo (1999), ela não traz consigo a imposição de uma verdade teórica, ou ideias preestabelecidas dos elementos que constituem o ambiente escolar, mas trabalha com o real, buscando a compreensão do que somos e do que fazemos, cada um de nós e todos em conjunto.

Trabalha com o real tal como ele é vivido no cotidiano, o que significa que não parte de proposições lógicas ou de teorizações sobre o aluno, a escola, a atividade docente e a aprendizagem, mas toma alunos e professores no modo como estão em uma escola específica (BICUDO, 1999, p.12)

Segundo Silva, Medina e Pinto (2012), a Fenomenologia compreende a educação como um processo aberto, contínuo, o qual valoriza a subjetividade e a intersubjetividade, o diálogo, a busca de sentidos. Nessa mesma direção, Guimarães (2011) afirma que na educação infantil não se deve dirigir as crianças, mas incentivá-las a se dirigirem, de maneira a desenvolver a autonomia para que esta adquira o cuidado sobre si. Dessa forma, na pesquisa que pretende, por exemplo, analisar como o cuidado e a educação são entendidos nas práticas pedagógicas da Educação Infantil, a Fenomenologia apresenta contribuições, uma vez que, como afirmam Freitas e Sousa (2023), com relação à educação escolar, esse paradigma enfatiza o

ator social, a experiência e a consciência do sujeito. As práticas pedagógicas na educação infantil, ao pensar que “[...] o bebê não é só objeto de ação do outro, mas sujeito de ações” (GUIMARÃES, 2011, p.41) coloca as crianças em um patamar elevado, em que as ações não são realizadas para elas, mas com elas.

Diante disso, por meio da observação do cotidiano escolar, assim como através de entrevistas com os docentes, por exemplo, é possível procurar os significados das experiências que serão vivenciadas, de forma a analisar esse objeto em suas múltiplas determinações. “A análise observacional e interpretativa dessas dinâmicas relacionais pelo adulto educador é a pulsação de uma pedagogia na ótica merleau-pontiana” (MACHADO, 2013, p. 77).

Por constituir um pensamento filosófico sem pragmática diretamente aplicável, a obra de Merleau-Ponty é transformadora no ponto de vista do entendimento do pleno acontecer das relações, nas condutas entre adulto e criança, bem como da análise do discurso, passível de ser esboçada a partir daquelas relações, observadas, registradas, buriladas ao serem revisitadas e estudadas (Idem, p. 75).

Sendo assim, na pesquisa das práticas pedagógicas na educação infantil, a fenomenologia pretende observar as relações que se dão no cotidiano escolar, entre adultos e crianças, considerando-as como o centro desse processo. E, a partir dessas observações e constatações, evidenciar de que maneira ocorrem essas relações, levando em consideração que a análise dessa pesquisa não chegará a uma verdade única, uma vez que cada experiência permitirá emergir diferentes significações.

Considerações finais

Este trabalho objetivou refletir sobre as contribuições da Fenomenologia nas pesquisas das práticas pedagógicas na educação infantil. Dessa forma, o estudo bibliográfico direcionou a pergunta orientadora: Quais

as contribuições da fenomenologia em uma pesquisa das práticas pedagógicas na educação infantil?

Primeiramente, explicitamos a Fenomenologia como paradigma, demonstrando suas características e modo de fazer ciência, o qual não acredita em verdades universais, mas que há uma multiplicidade a ser considerada na pesquisa de um fenômeno. Além disso, a pesquisa fenomenológica parte do fenômeno, da consciência do sujeito, de forma que o pesquisador está incluído no processo. A pesquisa acontece na relação entre pesquisador e objeto, de forma ontológica.

Dessa maneira, esse paradigma contribui para pesquisas educacionais, ao evidenciar que não há imposição de conhecimento, de modo que os participantes desempenham papel ativo nesse processo. Sendo a educação uma ação exclusivamente humana, esse fenômeno é envolto por múltiplas singularidades, as quais são consideradas pela Fenomenologia, com o intuito de evitar reducionismos. Algumas características específicas da pesquisa fenomenológica foram apresentadas para que o pesquisador conduza a investigação de seu objeto na relação com este.

Ademais, apresentamos como a Fenomenologia pode contribuir para uma pesquisa das práticas pedagógicas na educação infantil, uma vez que esta entende que o fenômeno é complexo e múltiplo, características do trabalho com o humano.

Referências

ALTMICKS, Alfons Heinrich. Principais paradigmas da pesquisa em educação realizada no Brasil. **Revista Contrapontos** – Eletrônica. Vol 14 – n. 2. maio-ago 2014. Disponível em <https://doi.org/10.14210/contrapontos.v14n2.p384-397>. Acesso em: 30 mai. 2023.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani; CAPELLETTI, Isabel Franchi. (orgs.). **Fenomenologia: uma visão abrangente da educação**. São Paulo: Olho d'água, 1999.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani. **Pesquisa Qualitativa: segundo a visão fenomenológica**. São Paulo: Cortez, 2020.

CARVALHO, Cláudia Barbosa de. **Percursos da criança a partir da modernidade: fenomenologia e educação infantil no movimento escolanovista**. Minas Gerais: Universidade Federal de Uberlândia, 2017.

DANTAS, Elaine Lourenço Claudino. **A indissociabilidade entre cuidar e educar nos espaços do berçário**. João Pessoa, 2018.

FREITAS, M. de. A., & SOUSA, L. R.. (2023, maio/ago.). **A educação pensada a partir de cinco abordagens filosóficas: Positivismo, Fenomenologia, Marxismo, Existencialismo e Estruturalismo**. São Paulo: *Dialogia*, 45, p. 1-18, e23686. <https://doi.org/10.5585/45.2023.23686>

GUIMARÃES, Daniela. **Relações entre bebês e adultos na creche: o cuidado como ética**. São Paulo: Cortez, 2011.

HUSSERL, Edmund. **Ideias para uma Fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica: introdução geral à fenomenologia pura**. Tradução Márcio Suzuki. Aparecida: SP: Ideias e Letras, 2006.

MACHADO, Marina Marcondes. Fenomenologia e Infância: o direito da criança ser o que ela é. **In: Revista educação Pública**. Cuiabá, 2013, v.22, n.49/1.

MARTINS FILHO, Altino José. MARTINS FILHO, Lourival José. **Múltiplas linguagens na infância: protagonismo compartilhado entre adultos e crianças nos contextos de educação infantil**. *Revista Linhas*. Florianópolis, v. 23, n. 51, p. 259-280, jan./abr. 2022.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da Percepção**. Tradução Carlos Alberto Ribeiro de Moura. 4. Ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011

REZENDE, Antonio Muniz de. **Concepção fenomenológica da educação**. São Paulo: Cortez, 1990.

SANTOS, Juliana R. Ser criança: **Uma leitura fenomenológica da infância**. 2009. 55f. Trabalho de Conclusão de Curso. Faculdade de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2009.

SILVA, Carlos Cardoso; MEDINA, Patrícia; PINTO, Ivone Maciel. A fenomenologia e suas contribuições para a pesquisa em educação. **In: 184 InterMeio: Revista do Programa de Pós-Graduação em Educação-UFMS**, v. 18, n. 36, 2012.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo da Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação**. São Paulo: Atlas, 1987.